



O CHAMADO DA IGREJA ORTODOXA

MISSÃO IMPOSSÍVEL?

Vassilis Adrahtas

Tradicionalmente, há muitas imagens gráficas e reveladoras usadas nas Escrituras e na teologia para falar sobre a natureza e a missão da Igreja: corpo, templo, mãe, videira, família, coluna, povo, noiva e assim por diante. E, sem dúvida, este tipo de imagens é altamente evocativo e moldou de forma definitiva a perspectiva, a emotividade e o comportamento dos fiéis ao longo dos séculos. Esse discurso é poético, belo e significativo em si mesmo, mas será que basta? Isso é suficiente para entender o que é a Igreja?

O que estou sugerindo aqui é que todas essas imagens pressupõem e implicam uma condição fundamental do *ser* cristão que permite e capacita a Igreja a *se tornar* o que ela foi chamada a realizar no tempo e no espaço. Em outras palavras, o *ser* da Igreja *na* e *como* história está intrinsecamente relacionado ao chamado, e esse chamado diz respeito à missão que lhe foi confiada. Além disso, minha opinião é que a Ortodoxia deve se esforçar para compreender a Igreja como missão no mundo. Uma missão impossível, humanamente falando, mas é exatamente aqui que o poder do Espírito entra em cena...

O que é e o que não é a missão da Igreja?

A Igreja Ortodoxa tem uma missão que, simplesmente, é impossível! A vocação de Jesus, ou seja, a vocação *de* e *para* Jesus, que constitui a Igreja, é

impossível de concretizar – pelo menos, de concretização total, pois sustenta-se num paradoxo intransponível. Mais especificamente, a Igreja é chamada a ser (vir a ser) voz, ação e presença do Senhor no mundo, tornando o mundo uma *ecclesia*.

Porém, a Igreja não é do mundo e sempre será contra o (espírito do) mundo. Como fazer do mundo uma *ecclesia*, quando estes se opõem de maneira contraditória? Eles podem se unir dialeticamente, mas isso só pode significar que a tensão entre eles continuará indefinidamente sem qualquer tipo de resolução? A missão ainda permanecerá... impossível!

Mas esse é o ponto! A missão tem que ser impossível, caso contrário a Igreja deixaria de ser uma vocação intrinsecamente contínua e aberta e se tornaria uma realidade pronta e dada. Tudo seria exatamente o contrário do que Jesus prometeu, e todo o Evangelho seria virado de cabeça para baixo. Em poucas palavras, Jesus teria falhado neste resultado aparentemente bem-sucedido...

A missão da Igreja não é ser mais uma religião entre os milhares de grupos e organizações religiosas em todo o mundo. A missão da Igreja não é ser mais um serviço social entre os milhões de tais projetos entregues pelo setor público ou privado. A missão da Igreja não é ser portadora de mais uma ideologia, filosofia ou grande verdade/narrativa que pretende explicar o universo e a situação humana. A missão da Igreja não é ser o remédio, o tratamento ou mesmo o significado que faria as pessoas se sentirem mais saudáveis, melhores ou mais satisfeitas consigo mesmas e com suas vidas. Se esse fosse o caso, então a missão da Igreja seria algo perfeitamente possível; possível, é claro, mas não responsivo ao amor e o sacrifício de Deus.

A missão da Igreja é transformar a insuportável ausência histórica de Jesus na presença de Sua graça deificante. A missão da Igreja é tornar-se vítima da história por excelência, para que as milhões de vítimas possam vislumbrar o rosto de Deus aqui e agora. A missão da Igreja é transformar as palavras díspares e sem vida do mundo na Palavra Viva e unificadora de Deus. A missão da Igreja é salvar o povo, fazendo-o confiar no amor de Deus que sofre, mas que alegra. Ainda que seja uma missão impossível, ainda é a única missão digna de Jesus!

Você mesmo como o maior inimigo

O maior problema para a Igreja Ortodoxa em discernir seu chamado e missão na atualidade é provavelmente o que constitui sua maior força, ou seja, a série de suas *encarnações* na história. Essas *encarnações* – algumas mais e outras menos – são instâncias estimadas e reverenciadas da história eclesiástica *vindas* do passado que, naturalmente, funcionam como exemplos orientadores para o presente e o futuro. No entanto, os fiéis ortodoxos tendem a absolutizá-los – absolutizando assim a própria história – e considerá-los como constitutivos da tradição, ao passo que é a tradição uma irrupção do futuro -*Eschaton*- que os torna o que realmente são. Isso significa que qualquer que seja o significado dessas incorporações (litúrgicas, patrísticas, ascéticas, canônicas e mais geralmente habituais) como

realizações performativas da fé ortodoxa no passado, elas não podem e não devem ser utilizadas de forma *copiada* e colada no presente.

Caso contrário, o meio se confunde com o fim, a corporificação se confunde com o corporificado, o significado não se distingue adequadamente do significado e, como consequência, a missão/vocação da Igreja fica soterrada sob o amontoado de maneiras pelas quais foi tentado, perseguido ou alcançado em condições sócio-históricas específicas. Mas os últimos mudaram, e se nossas incorporações contemporâneas de fé não mudam também, então a missão/chamado da Igreja não pode permanecer o mesmo pelos séculos dos séculos.

Hora de nos libertarmos dos ídolos do passado

A Igreja Ortodoxa deve libertar-se do seu *bizantinismo*, da sua identificação com o Estado-nação, do seu anti-historicismo e, por último, mas não menos importante, das suas falhas secularistas. Nestes tempos, com todas as suas sensibilidades e maior consciência humanitária, a Igreja Ortodoxa deveria saber melhor e que a guerra não é o caminho do Senhor, que deve mostrar ao mundo inteiro que a força pela qual o Reino de Deus é tomado envolve a luta cotidiana contra todas as formas de injustiça. Já deveríamos ter sido tão voltados para a Igreja a ponto de reconhecer que, se nossos caminhos devem ser o sal e a luz da terra, eles devem exceder em muito os caminhos dos não-ortodoxos.

Da mesma forma, o envolvimento da Ortodoxia com este ou aquele sentimento nacionalista deve chegar ao fim. No passado poderia ter servido para o avanço e formulação do Estado-nação nos moldes desta ou daquela realidade cristã, mas hoje em dia o único propósito a que serve é ofuscar a primazia, exclusividade e compromisso radical da fé. Por outro lado, muitas vezes, no passado, a Ortodoxia passou por fases de retirada dos desafios históricos ao optar por uma mentalidade *quietista*, minando assim a humanidade tangível das pessoas.

Isso não é mais aceitável, pois vai contra a própria noção de *missão*.

Em relação às falhas mundanas, acredito que, ainda que haja, nenhuma Igreja pode ser uma Igreja aderindo ao *Zeitgeist* dos tempos em vez de seguir os passos de seu Senhor.

Um Deus impossível para uma missão impossível!

Discernir a missão da Igreja Ortodoxa e, por falar nisso, realizar seu chamado, tornou-se a tarefa mais desafiadora e assustadora em nossos tempos. Pressupõe uma visão mais radical quanto ao discipulado e só pode ser satisfeita por uma exigência utópica, uma exigência que busca o impossível, confiando tudo ao poder, à providência e ao amor de um Deus que também é impossível!

O Dr. Vassilis Adrahtas é PhD em Estudos da Religião (USyd) e PhD em Sociologia da Religião (Panteion). Ele lecionou em várias universidades na Austrália e no exterior. Desde 2015, ele ensina religião e mitos gregos antigos na Universidade de New South Wales e estudos islâmicos na Western Sydney University. Publicou dez livros. Tem uma vasta experiência na mídia impressa como editor-chefe e colunista, e por um tempo trabalhou como produtor de rádio. Mora em Sydney, Austrália, sua cidade natal.

Fonte: [Panorthodox Synod-](#)